

EDUCAÇÃO

CONTINUADA

ENSINO
HÍBRIDO
E NOVAS
ESTRUTURAS
EDUCACIONAIS



N3

Revista Educação Continuada

Ensino Híbrido e Novas Estruturas Educacionais

São Paulo - SP, V.3 n.3, Junho 2021

Conselho Editorial

Prof. Me. Enésio Marinho da Silva
Prof. Dr. Flávio da Silva
Profa. Me. Jonathan Estevam Marinho
Me. André Santana Mattos

Comissão Científica

Prof. Dr. Flávio da Silva
Prof. Me. Jonathan Estevam Marinho
Prof. Me. Enésio Marinho da Silva Jr.
Prof. Me. Marcos Roberto dos Santos
Profa. Esp. Maria Aparecida Alves Xavier

Edição Geral

Prof. Me. Jonathan Estevam Marinho

Direção Institucional

Prof. Me. Enésio Marinho da Silva

E24

Revista Educação Continuada (Eletrônica) / [Editor Chefe] Prof. Me. Jonathan Estevam Marinho - Vol.3, n. 3 (Junho 2021) - CEQ Educacional - São Paulo (SP): Editora CEQ Educacional, 2021

39p.: Il color

Mensal

Modo de acesso: <<http://www.educont.periodikos.com.br/ed/60d62ef0a9539540ae3b5ca3>>

ISSN 2675-6757 (On-line)

Data de publicação: 30/06/2021

1. Ciências Humanas; 2. Educação; 3. Tecnologias de Aprendizagem;
I. Título

CDU 37/49
CDD 372.358

Bibliotecário Responsável: Emerson Gustavo Nifa | SP-010281/O



CEQ Educacional

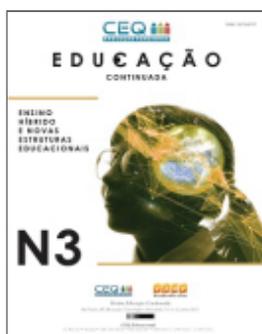
R. Airi, 20 • Tatuapé • CEP: 03310-010 • São Paulo-SP • Telefones: 11 2546-7326 | 11 2841-2411

Revista Educação Continuada

<http://www.educont.periodikos.com.br/ed/60d62ef0a9539540ae3b5ca3>

EDUCAÇÃO CONTINUADA

SUMÁRIO



3(3), 2021 Junho (Ensino Híbrido e Novas Estruturas Educacionais)

Nesta e nas próximas edições deste ano de 2021, a revista Educação Continuada pretende reunir trabalhos que possam discutir as estruturas educacionais do ensino híbrido e o possível impacto no futuro da educação.

ARTIGO CIENTÍFICO

p.5-12

Alfabetização e Leitura

Clarice Ada Fernanda Di Nardi

p.13-23

A Psicopedagogia como Instrumento de Ensino-Aprendizagem e Inclusão Escolar

Tânia Cristina Viana Lemos

p.24-30

A Linguagem Musical

Clarice Ada Fernanda Di Nardi

p.31-39

A Pedagogia Tecnicista da “Era Militar”

Clarice Ada Fernanda Di Nardi

A LINGUAGEM MUSICAL

Autora: Clarice Ada Fernanda Di Nardi

RESUMO

Dentro do contexto escolar a Arte é uma das disciplinas que compõem os currículos desde a educação infantil e presente em toda a Educação Básica, de acordo com a LDB nº. 9.393/96, sendo que seu ensino deve proporcionar as distintas maneiras das artes serem sentidas, ouvidas e visualizadas (BRASIL, RCNEI, 1998). O estudo teve origem na inquietação docente frente ao trabalho musical realizado nas escolas de Educação Infantil e delimitou-se a investigar a influência da música na aprendizagem e no desenvolvimento infantil. A Educação Infantil é um espaço com características próprias, onde a criança encontra-se em pleno desenvolvimento, nesse período é preciso oferecer diversos recursos pedagógicos para que a criança se aproprie dos conteúdos. Nesse momento as experiências musicais são excelentes recursos de aprendizagem (BRASIL, RCNEI, 1998). A música é um recurso importante tanto na Educação Infantil quanto nas práticas inclusivas terapêuticas. É obrigatória na educação básica e oferece inúmeros meios para a realização de um trabalho musical com as crianças que tem necessidades educacionais especiais, em conjunto com toda a sala, é uma proposta inclusiva de interação (LINO, 2007). Para compreender a influência da música na Educação Infantil apresenta-se neste ensaio a importância da Arte e do significado das experiências de qualidade na primeira infância.

Palavras-chave: Educação Infantil; Desenvolvimento infantil; ensino de música.

A IMPORTÂNCIA DA ARTE PARA O SER HUMANO

Para compreender a influência da música na Educação Infantil apresenta-se no primeiro capítulo a importância da Arte e do significado das experiências de qualidade na primeira infância.

A Arte é uma forma do ser humano expressar suas emoções, sua história e sua cultura através de valores estéticos, como beleza, harmonia, equilíbrio. Ela pode ser representada através de diversas formas, música, escultura, pintura, no cinema e na dança. Após seu surgimento, há milhares de anos, a arte foi evoluindo e ocupando um importantíssimo espaço na nossa sociedade, podendo ser vista ou percebida pelo homem de diferentes maneiras: visualizadas, ouvidas ou mistas (audiovisuais) (NASCIMENTO e TAVARES, 2009, p. 170).

De acordo com Nascimento e Tavares (2009): “a comunicação entre as pessoas e as leituras de mundo não se dão apenas por meio da palavra”. Grande parte do conhecimento sobre outros povos e as formas de pensar e sentir o mundo “são conhecimentos que obtivemos única e exclusivamente por meio de suas músicas, teatro, pintura, dança, cinema, etc.”.

A importância do significado da Arte na Educação se dá desde os primórdios da civilização, o que a torna um dos fatores essenciais de humanização, é fundamental, portanto, entender que a Arte se constitui de modos específicos de manifestação da atividade criativa dos seres humanos ao interagirem com o mundo em que vivem ao se conhecerem e ao conhecê-lo (NASCIMENTO e TAVARES, 2009).

Quando se fala em experiência em Arte Romagnolo e Spaniol (2014) concordam que são importantes e devem ser diversas, pois o “próprio ensino da arte torna-se complicado porque não existe erro ou acerto em arte, o que não funciona para um, pode funcionar para o outro” (ROMAGNOLO e SPANIOL, 2014, p. 14). Por esse motivo é importante uma gama variada de experiências artísticas para as crianças pequenas.

Romagnolo e Spaniol (2014, p. 14) explicam que seria como ensinar futebol para uma criança, o que se pode fazer é melhorar as habilidades já existentes e promover o convívio entre os colegas para que o aprendizado fique mais dinâmico, e consideram que a “muitas crianças não sabem as aptidões que possuem e é papel do educador proporcionar o meio para que essa descoberta aconteça”; são descobertas não acontecem imediatamente, mas meses ou anos mais tarde.

A reflexão de Romagnolo e Spaniol (2014, p. 14) está no sentido de entender “como ensinar um drible, uma operação que se reinventa a cada instante e por isso mesmo não tem um resultado definido e, na maioria das vezes, não tem resultados”? Se, o “objetivo do drible é o próprio driblar”.

A infância é um período singular e serve de inspiração para a Arte, e artistas como Cândido Portinari, Miró, Picasso, entre outros buscaram na infância elementos para compor suas obras, uma célebre frase atribuída a Picasso faz alusão a essa afirmação: “Quando vejo pinturas de crianças, dou-me conta de que só agora posso iniciar meu trabalho de juventude. Quando tinha a idade delas, era capaz de desenhar como Rafael [...] Mas levei anos para aprender a desenhar como uma criança” (CLARET, 1985, p. 80 apud LOPONTE, 2008, p.1).

No artigo de Loponte (2008) há uma crítica sobre a “docência na educação infantil é ainda, em grande parte, o terreno do improvisado”, onde ainda é usada a “intuição feminina”, que de acordo com o senso comum tem um pressuposto instinto materna, que faria parte de uma “essência característica de todas as mulheres” (LOPONTE, 2008, p.4).

Neste contexto, “a arte infantil nem sempre é entendida ou tem um espaço privilegiado para ela”. De acordo Loponte (2008, p.4) a arte moderna rompeu com os limites das representações figurativas no início do século XX, mas na escola ainda há equívocos e acredita que isso se deve a má formação das pessoas em geral, pois ainda é forte o ato

de valorizar a leitura, da escrita e a matemática em detrimento das artes visuais, a música, o teatro e a dança.

Mas, muitas mudanças positivas acontecem e hoje em dia acredita-se que é desde a primeira infância que a arte pode ser disponibilizada em sua ampla diversidade e instigar um processo de ensino aprendizagem onde “a apreciação, a observação, o dissenso, a reflexão, a crítica, a fruição, a curiosidade, a experimentação, a sensibilização, o debate de ideias e a capacidade de se surpreender” seja constantemente provocada (MÖDINGER et al, 2012, p. 38).

A arte na infância tem a capacidade de levar a criança a “se colocar no lugar do outro, de imaginar, analisar, produzir e confrontar formas, palavras, cores, gestos”, e mais ainda, pois o fazer artístico é amplo e pode levar a criança a “reconhecer sonoridades, reconhecer qualidades estéticas em obras e fazeres diversos que se apresenta em seu entorno” (MÖDINGER et al, 2012, p. 38).

De acordo com Girardello (2011) a arte é uma possibilidade de “romper com a vida cotidiana e ter momentos em que possa imaginar é possível através da arte”, de acordo com:

A imaginação é para a criança um espaço de liberdade e de decolagem em direção ao possível, quer realizável ou não. A imaginação da criança move-se junto – comove-se – com o novo que ela vê por todo o lado no mundo. Sensível ao novo, a imaginação é também uma dimensão em que a criança vislumbra coisas novas, presente ou esboça futuros possíveis. Ela tem necessidade da emoção imaginativa que vive por meio da brincadeira, das histórias que a cultura lhe oferece, do contato com a arte e com a natureza, e da mediação adulta: o dedo que aponta a voz que conta ou escuta, o cotidiano que aceita (GIRARDELLO, 2011,

p.76).

De acordo com o autor a importância da imaginação para a educação das crianças vai muito além da indicação de estratégias e recursos, pois por não se tratar de um dom ou de um dado objetivo e quantificável da subjetividade da criança, estando ligada à inteligência e às emoções, a imaginação infantil pode ser educada, como dizem muitos estudiosos a partir de diferentes perspectivas teóricas: “as crianças podem ser ensinadas a olhar e a ouvir de maneira a que a emoção imaginativa seja consequência” (GIRARDELLO, 2011, p.76).

Girardello (2011) cita Gardner (1982, p.182): “Assim como o entendimento lógico da criança, também sua habilidade de se envolver com o faz de conta e a fantasia precisa ser construída”, mas para isso “a imaginação, como a inteligência ou a sensibilidade, ou é cultivada, ou se atrofia”, diz Held (1980, p. 46 apud GIRARDELLO, 2011, p.76).

Dentro desta perspectiva, “a imaginação pode e deve ser educada”, e a experiência que ela nos dá é mais importante e válida do que “qualquer outra que possamos adquirir somente através do pensamento racional”, e que “a tarefa mais importante da educação parece ser a educação da imaginação” (GIRARDELLO, 2011, p.76).

Nos estudos de Barroco e Superti (2014) aponta-se contribuição da arte no desenvolvimento humano com base na teoria sócio-histórica de Vygotsky (Psicologia da Arte, 1999) e afirma: “a arte está em permanente relação com a realidade objetiva e a compreensão”, dessa forma “a Arte está intrinsecamente ligada à vida, às relações sociais de determinadas épocas”, ou seja, “a compreensão e a criação são aprendidos na realidade e a partir dela” (BARROCO e SUPERTI, 2014, p. 23).

Girardello (2014) defende que a imersão na experiência da arte exige tempo, que é em geral outra condição benéfica para a vivência imaginativa da criança. O trabalho da imaginação é “quieto e sub-reptício”, pois “ele se dá bem com a calma, a concentração, o isolamento, e mesmo

com certo tédio” (GIRARDELLO, 2014, p.78).

Nessa concepção, a área de Arte tem uma função importante a cumprir: “situar o fazer artístico como fato e necessidade de humanizar o homem histórico”, que conhece suas características tanto particulares, tal como se mostra na criação de uma arte brasileira, quanto universais, tal como se revelam no ponto de encontro entre o fazer artístico dos alunos e o fazer dos artistas de todos os tempos, que sempre inauguram formas de tornar presente o inexplicável (GIRARDELLO, 2014, p.78).

Dessa forma, a arte não desencadeia uma ação, um comportamento, mas sim uma transformação das emoções, e entendem que “essa transformação não se restringe aos aspectos da emoção, mas a totalidade do funcionamento psicológico” (BARROCO e SUPERTI, 2014, p. 30).

Para Doria (2013) a Arte é um grande agente transformador e pode também exercer um papel relevante no desenvolvimento humano, dessa forma é necessário que os futuros profissionais se atentem aos aspectos dessa disciplina e assim possam apropriar-se das diversas linguagens e possibilidades do fazer artístico na educação, por sua relevância na formação integral dos seres humanos.

Acredita-se em consonância com as ideias de Girardello (2011) que “a imaginação da criança é um modo de ver além ou de entrever, que intensifica a experiência do olhar e vice-versa”. E, assim “como todos os sentidos podem despertar a emoção imaginativa, poderíamos também falar na imaginação como um modo de sentir além” (GIRARDELLO, 2011, p. 90).

Refletir sobre o papel da Arte no desenvolvimento humano vai ao encontro da afirmação que “as vivências imaginativas da infância têm um papel crucial no seu desenvolvimento estético, afetivo e cognitivo”. E, é possível atuar favoravelmente sobre a imaginação infantil, “criando melhores condições para que as crianças disponham desse tempo ou lugar – metáforas para a imaginação”, para que essas possam “exercitar sua curiosidade sobre as coisas do mundo, constituir conhecimento sobre elas e sobre si

próprio, e viver mais plenamente o imaginável” (GIRARDELLO, 2011, p. 90).

Para Bueno (2013) “é preciso aprender a olhar, pois a arte tem a função de apresentar o visual, o musical, o corporal”, assim através da arte é possível um amplo contato com diversas manifestações, pois se tem nas mãos e também nos olhos o instrumento “arte” como objeto de experiências excitantes (BUENO, 2011, p.20).

Segundo Leite (2009, p. 145) a arte tem muitas contribuições na educação, especialmente na Educação Infantil, pois pode trazer a criança para o amplo universo artístico, traz vida para as ações mais simples e possibilidades de trabalho com “seu próprio corpo, com a música, a poesia, desenho, teatro, dobradura ou mesmo em suas brincadeiras”.

As artes são as responsáveis pelo diálogo com o mundo através de sua representação, permitindo ao sujeito desenvolver sua própria visão sobre ele, criando e recriando maneiras de enxergar o “contexto social, histórico e cultural em que vive” Leite (2009, p. 145). Assim, traz consigo tudo aquilo que a cerca, sua família, sua história, suas alegrias e tristezas, une os fragmentos que compõem seu mundo interno.

Invariavelmente, enquanto produzem, “as crianças estão narrando suas histórias, mostrando sua opinião e sua percepção”. Seus desenhos, seus brinquedos, suas expressões corporais, seu ritmo, sua entonação são elementos de pluralidade: “procurar compreendê-los é explicitar a necessidade de compreender sua forma de agir e pensar no mundo” (LEITE, 2009, p. 146).

A relação ensino e aprendizagem pode de expandir para um âmbito muito maior que o escolar. Para Leite (2009, p 146) “a formação do educador passa a ter como objetivo deixar rastros em seu aprendiz”, fazendo-se presente em suas memórias ao tocar seus pontos mais sensíveis, registrando o conhecimento de uma maneira a não ser esquecido, pois se “relacionará a aprendizados muito mais profundos”.

De acordo com Santaella (2006, p. 16) “costuma-se dizer que a arte é feita para emocionar”, e de fato não há

como negar seu poder, contudo ela não deve ser restrita a esse caráter, pois isso significaria: “amputar sua dimensão cognitiva”:

Obras de arte dilatam nossa sensibilidade perceptiva, regeneram os sentidos. Ao desenvolverem a percepção dos sentidos, levam à frente o projeto humano de ser cada vez mais humano: ver, ouvir, tocar, sentir de maneiras cada vez mais sutis e sofisticadas. Porque nos arranca da inércia e do entorpecimento perceptivos, a arte nos leva a enxergar o mundo por pontos de vista que só ela propicia. As faculdades cognitivas que desperta em nós são próprias delas. Sendo, portanto, inimitáveis (SANTAELLA, 2006, p.16).

Nesse sentido, é preciso considerar a “valoração altamente positiva da multiplicidade e da diversidade crescentes que as formas de arte vêm apresentando”. Mas, para que as mudanças se efetivem o próprio professor deve também passar por uma formação diferenciada, tomando como princípio a sua autonomia para interpretar e transformar um conteúdo a sua maneira individual, pois assim será possível senti-lo e absorvê-lo também com suas emoções e não apenas aprendê-lo superficialmente. “Quando mais ela se multiplica, mais expostos ficamos ao seu poder sensorialmente regenerador e cognitivamente transformador” (SANTAELLA, 2006, p. 17).

Dessa forma, a arte tem um papel relevante no desenvolvimento do ser humano. A seguir são apresentadas as mudanças históricas do trabalho com a música no espaço da Educação Infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na educação formal a música desempenhou diversas

funções e foi aplicada de muitas formas, atualmente é defendida nos documentos ministeriais enquanto produção social, cultural e histórica de cada povo, já que sempre esteve associada às tradições e às culturas de cada época, sendo uma linguagem artística muito apreciada por crianças pequenas.

Por essa estreita relação que a criança apresenta com a linguagem musical o estudo buscou investigar as contribuições da música na Educação Infantil como recurso para o trabalho significativo. Sendo assim, o presente artigo propôs uma reflexão sobre a música na Educação Infantil o que apontou a necessidade de repensar a prática na atualidade, diante da busca por uma educação significativa para todas as crianças.

Nessa perspectiva o trabalho buscou oferecer elementos para somar à discussão sobre a música, a qualificação de profissionais para a atuação na educação infantil e ampliar conhecimentos acadêmicos, culturais e pedagógicos.

Dessa forma, ao apresentar práticas musicais o profissional contará um recurso relevante para observar, planejar e avaliar a aprendizagem e do desenvolvimento dessa criança de forma global.

Conclui-se que a pesquisa apontou caminhos e subsídios para um trabalho com a música no desenvolvimento infantil e na aprendizagem, contemplando assim objetivos iniciais, mas longe de ver essa problemática da oportunidade (ou não) de uma linguagem musical na construção de uma Educação Infantil inclusiva findar-se.

REFERÊNCIAS

BARROCO, Sônia M.S.; SUPERTI, Tatiane. Vigostki e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano, *Revista Psicologia e Sociedade*, 2014, p.22-31. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v26n1/04.pdf>. Acesso em 10/07/2017.

BRASIL, Ministério da Educação. **Referencial curricular nacional para a educação infantil/volume 1, 2, 3**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponíveis em:

http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf.

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume2.pdf>.

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>.

Acesso em 08/07/2017.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional**. 1996. Disponível em

<http://portal.mec.gov.br/cne/index.php?option=content&task=view&id=120>. Acesso em 10/07/2017.

_____. **Lei inclui artes visuais, dança, teatro e música no currículo da educação básica**. Agência Senado, 2016.

Senado Federal. INTERNET. Disponível em: <http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/05/03/leiincludartesanca-musica-e-teatro-no-curriculo-da-educacao-basica>. Acesso em 02/07/2017.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Artes**. Brasília, MEC, 1998. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/artepdf>.

Acesso em 30/06/2017.

BRITO, Teca Alencar. **Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança**. 2º ed. São Paulo: Petrópolis, 2003.

CRAIDY, Carmem Maria. **Educação Infantil. Para que te quero?** Org. CRAIDY, Carmem Maria e KAERCHER, Gladys E.P da Silva. Porto Alegre: Editora Artmed, 2001.

CUNHA, Rosemyriam; VOLPI, Sheila. A prática da musicoterapia em diferentes áreas de atuação. *Revista Científica FAP*, Curitiba-PR, 2008, v. 3, p. 85-97. Disponível em:

http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/RevistaCientifica3/11_Rosemyriam_Cunha_Sheila_Volpi.pdf. Último acesso em: 18/07/2017.

DORIA, Lilian Fleury. **Metodologia do Ensino em Arte**. Gisele Onuki, Marília Diaz, Bernadete Zagonel (org.). Curitiba: Intersaberes, 2013.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T, FUSARI, Maria F. de Rezende e. **Metodologia do Ensino de Arte**. São Paulo: Editora Cortez, 2009.

FONTEERRADA, Marisa T. de O. **De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação**. São Paulo: Editora da UNESP, 2008.

GIRARDELLO, Gilka. Imaginação: arte na infância. **Proposições**, Campinas, v.22, n° 2(65), p. 75-92, mai/ago de 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v22n2/v22n2a07>. Acesso em 10/07/2017.

GIRARDI, Mônica. Música para aprender e divertir-se. **Revista Nova Escola**. 2004 Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/educacao-infantil/4-a-6-anos/musica-aprender-se-divertir-422851.shtml>. Acesso em 10/07/2017.

GÓES, Raquel S. A música e suas possibilidades no desenvolvimento da criança e do aprimoramento do código linguístico. Florianópolis-SC, **UDESC**, vol. 2, 2009, Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/udescvirtual/articloe/view/1932/1504>. Acesso em 27/07/2017.

LINO, Dulcimarta L. **A escuta sensível das culturas sonoras na infância**. In: XVI ENCONTRO ANUAL DA ABEM/CONGRESSO REGIONAL DA ISME NA

AMÉRICA LATINA, 2007, Campo Grande, MS. Disponível em:

<http://www.abemeducaomusical.org.br/Masters/anais2007/Data/html/pdf/art_a/A%20escuta%20sens%C3%ADvel%20das%20culturas%20sonoras%20-%20Dulcimarta%20Lino.pdf>. Acesso em 19/07/2017.

LEITE, Maria Isabel. Linguagens e Autoria: registro, cotidiano e expressão. In: **Arte, infância e formação de professores: Autoria e Transgressão**. Campinas: Papirus, 2009. Coleção Ágere. P. 11-24

LOPONTE, Luciana Grupelli. Arte e metáforas contemporâneas para pensar infância e educação. **Revista brasileira de educação**, vol. 3, n° 37, Rio de Janeiro, Jan-abr 2008. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s141324782008000100010. Acesso em 06/07/2017.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. **Currículo, conhecimento e cultura**. In: Indagações sobre currículo: currículo, conhecimento e cultura. Org. Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. Brasília: Ministério da Educação, 2007. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag3.pdf>. Acesso em 20/07/2017.

MÖDINGER, Carlos R.; VALLE, Flavia P. do; HUMMES, Júlia M.; LOPONTE, Luciana G.; KEHRWALD, Maria I.P.; RHODEN, Sandra. **Artes visuais, dança, música e teatro: práticas pedagógicas e colaborações docentes**. Erechim: Edelbra, 2012.

MUSZKAT, Mauro. Música, Neurociência e desenvolvimento humano. **Revista Neurociências**, n. 8, 2008. Disponível em:

<http://www.amusicanaescola.com.br/pdf/Mauro_Muszka_t.pdf>. Acesso em 12/07/2017.

NASCIMENTO, Edna S.P.; TAVARES, Helenice M. As artes visuais na Educação Infantil: possibilidade real de lúdico e desenvolvimento. **Revista da Católica**, Uberlândia, v.1, n. 2, 2009, p. 169-186. INTERNET. Disponível em: <http://catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosv1n2/14-PEDAGOGIA-03.pdf>. Acesso em: 10/07/2017.

PASQUALINI, Juliana C. **O papel do professor e do ensino na educação infantil**: a perspectiva de Vigotski, Leontiev e Elkonin. Scielo Books, Editora UNESP, 2010. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/ysnm8/pdf/martins-9788579831034-10.pdf>>. Acesso em 13/07/2017.

PASSARINI, Luisiana F. O que é, afinal, Musicoterapia? **Revista no Tom**. Ed. Som, Ano 6, nº 36, jan/fev 2013. Disponível em: <http://www.centrobenenzon.com.br/pdf/iartigorevistaarom.pdf>. Acesso em 19/07/2017.

PASSARINI, Luisiana; AOKI, Thiago T.; PREARO, Pablo de M.; ANDRADE, Andressa L. A educação musical no desenvolvimento da criança: trilhas da musicoterapia preventiva. **Anais do XIV do Simpósio Brasileiro de Musicoterapia**. 2012. Disponível em: <http://www.centrobenenzon.com.br/pdf/educacaomusicalt.pdf>. Acesso em 18/06/2017.

ROMAGNOLO, Sérgio; SPANIOL, José. **Ateliê permanente**. Instituto de Artes: São Paulo: UNESP, 2014. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40516/1/01d18t01.pdf>.

SANTAELLA, Lúcia. Multiplicidade e fronteiras da arte à luz das ciências cognitivas. In. OLIVEIRA, Maria Rosa Duarte

de (Org). **Território das Artes**. São Paulo: EDUC, 2006. P. 15-18.

SARMENTO, Manoel J. Culturas Infantis e direitos das crianças. **Revista Criança**, dezembro, 2007. Brasília, MEC. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/eduinf/cria_45.pdf. Acesso em 10/02/2017.

ZAGONEL, Bernadete. **Brincando com a música na sala de aula: jogos de criação musical usando a voz, o corpo e o movimento**. São Paulo: Saraiva, 2012.

Gisele Onuki, Marília Diaz, Bernadete Zagonel (org.). Curitiba: Intersaberes, 2013. p. 18-76.